

O CORPO ATRAVESSADO PELO LUGAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA CIDADE DE LENÇÓIS/BA

Líria de Araújo Morais¹

RESUMO: Discussão sobre a relação criativa entre corpo e lugar, a partir do relato de três experiências ocorridas na cidade de Lençóis-Ba, na disciplina de Laboratório de Performance, ministrada pela professora Ciane Fernandes no PPGAC – UFBA, em novembro de 2011. A ideia de lugar é abordada a partir da geografia de Milton Santos. As possibilidades de relação que podem se configurar de modo criativo no instante da performance são discutidas como estratégias de conexões diversas, a partir do que cada lugar já se configura, enquanto uso das pessoas que ali convivem. No texto, sugere-se a camuflagem como um conjunto de estratégias do corpo que podem fazer parte de uma etapa de composição numa situação de performance na qual se pretenda protagonizar o lugar numa poética específica de criação, em estados corporais atravessados pelo lugar.

Palavras-chave: Lugar. Experiência. Estado de corpo em performance. Camuflagem. Relação corpo-espaco.

ABSTRACT: Talk about the creative relationship between body and place from the report of three experiments occurred in the city of Lençóis/Ba in the discipline of Performance Laboratory administered by the teacher Ciane Fernandes in PPGAC - UFBA in November 2011. The idea of place from the geography of Milton Santos and the possibilities of relationship that can be configured so creative at the moment of performance are discussed as strategies from the various connections that each place has already been set while using the people who live there. In the text, suggests the idea of camouflage a set of strategies of the body that may be part of a stage performance of the composition in a situation in which it is intended to star in the specific place in a poetic creation in bodily states traversed by the place.

Keywords: Place. Experience. State of the body in performance. Camouflage. The body-space.

¹ Líria de Araújo Morais. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – UFBA. Artista, professora e pesquisadora em Dança. Doutoranda em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFBA, Mestre e Especialista em Dança (UFBA 2010, 2005), Licenciada em Dança (UFBA 2002), É integrante do Coletivo Construções Compartilhadas (2009/2012) e do Radar 1 - grupo de improvisação em dança (2009/2012). Contato: lirica6.1@gmail.com

RÉSUMÉ: Parlez de la relation créative entre le corps et le lieu du rapport de trois expériences a eu lieu dans la ville de Lençóis-Ba dans la discipline de Laboratoire de la performance administré par l'enseignant Ciane Fernandes dans PPGAC - UFBA en Novembre 2011. L'idée de la place de la géographie de Milton Santos et les possibilités de relation qui peut être configuré de manière créative au moment de la performance sont discutés que les stratégies des différentes connexions que chaque endroit a déjà été réglé avec l'aide des gens qui y vivent . Dans le texte, suggère l'idée de camouflage d'un ensemble de stratégies de l'organisme qui peuvent faire partie d'une performance sur scène de la composition dans une situation dans laquelle il est destiné à l'étoile à la place spécifique dans une création poétique dans les états du corps traversé par le lieu.

Mots de clés: Lieu. L'expérience. L'état de l'organe de la performance. Le camouflage. Le corps-espace.

Mapa

O estar sem bolsa
O estar sem nada
Num mapa
O ser do espaço de uma rua nua
O arriscar-se a tornar-se
Vestidos de céu, automóvel e jeans
[...]

Adelice Souza

Esse texto reúne reflexões sobre os acontecimentos da segunda viagem² à cidade de Lençóis/Ba³, na Chapada Diamantina⁴, realizada pela turma

² A primeira, nessa turma, ocorreu em setembro deste mesmo ano. Houve alterações de participantes e roteiros realizados entre a primeira e a segunda. Estavam presentes: Líria Morays, Morgana Gomes, Claudio Machado, Ciane Fernandes, Ana Milena Navarro, Susanne Ohmann e Eduardo Rosa.

³ Consta que o nome da cidade de Lençóis vem dos lagos por onde o rio passa espumando, serra abaixo, como se fora um lindo lençol todo bordado, todo rendado, feito pelas mãos de fadas. Essa visão era obtida, principalmente, pelas pessoas que chegavam por cima da serra do Sincorá.

⁴ A *Chapada Diamantina* é uma região de serras, situada no centro do Brasil, na Bahia, onde nascem quase todos os rios

de pós-graduação em Artes Cênicas do PPGAC – UFBA, juntamente com o grupo de pesquisa A-Feto, com a atividade de Laboratório de Performance ministrada pela professora Ciane Fernandes, em novembro de 2011. As afirmações aqui apresentadas são parte das primeiras ideias sobre a relação corpo-espaço, numa situação de apresentação artística, em espaços alternativos, numa poética em que o espaço seja o ponto de partida da criação. A partir do relato de três experimentações que esse grupo realizou, há uma tentativa de identificar como, na relação entre o corpo e um determinado lugar, podem ocorrer ações criativas diferenciadas, gerando modos de diálogo entre o corpo-espaço. Nos estudos de Doutorado, em processo, a partir de experimentos performáticos, propõe-se um tipo de estratégia que se modifica a depender do local de apresentação, que temporariamente se denomina aqui de *camuflagem*.⁵ Como uma espécie de estratégia de conexão⁶ criativa entre corpo-espaço, a camuflagem configura-se numa etapa anterior à apresentação de algo – num mapeamento – ou durante a intervenção. É um modo de criar invisibilidade, disfarce, para logo em seguida gerar visibilidade em determinado espaço, numa mesma apresentação. Ou seja, ideias e situações podem servir como possibilidades de estar no lugar numa invisibilidade (sem destaques – é possível ser considerado mais um na paisagem), para se criar visibilidade (intervencões com o corpo de um modo que o entorno perceba diferenças). Essa estratégia pode ajudar num modo de compartilhamento de

das bacias do Paraguaçu, do Jacuípe e do Rio de Contas. Essas correntes de águas brotam nos cumes e deslizam pelo relevo, em belos regatos, despencam em borbulhantes cachoeiras e formam transparentes piscinas naturais. O parque nacional é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

⁵ Camuflagem – qualquer coisa que sirva para camuflar ou disfarçar (Dicionário Houssais).

⁶ Conexão como algo que cria sentidos, cria enlaces entre coisas, cria coerência. Sempre que as correlações entre coisas diversas resultarem na expansão de suas respectivas singularidades, produzindo, assim, uma nova conjuntura propícia para a continuidade da propagação dos nexos de sentido já articulados até ali, então se configura a instauração de uma coerência. (BRITTO, 1999, p. 60). Aqui, se trata de uma criação de sentidos na relação corpo-espaço.



arte, com pessoas que vivem em determinado lugar, a se dar conta do próprio lugar, suas condições, seu formato, seu valor etc. Quando a etapa da camuflagem acontece durante a intervenção, se torna uma característica estética de se embrenhar na paisagem durante a intervenção, estando aquele corpo, como qualquer outro daquele local, durante um período de tempo, para logo em seguida criar destaques, realizando ações que podem não ser comuns a um determinado local. Quando a etapa acontece antes, no mapeamento (quando já se conhece as pessoas do local, ou já se frequentam os caminhos de um lugar, ou mesmo quando há algum elemento da função do espaço que inclui na intervenção as pessoas do local), tal intervenção parece estar autorizada pelas pessoas a “serem” destacadas, pois se criou aí uma condição, uma espécie de intimidade ou permissão das pessoas do local.

Essas três experimentações realizadas na cidade de Lençóis convocam a pensar que talvez esse diálogo entre corpo e espaço de modo criativo – *a camuflagem* – se modifica a partir da característica de cada lugar e da relação que é estabelecida no ato criativo (uma performance, um processo de criação de movimentos, a instauração de um estado de corpo, dentre outros). O modo como os assuntos são aqui abordados apenas convoca as discussões sobre como cada experiência se configura de modo único e levanta diferentes possibilidades de discussão acerca da ideia do lugar escolhido para se intervir artisticamente.

Para Santos (2009), um determinado lugar é uma dialética entre o que é global e local, havendo uma dinamicidade de se pensar um ponto específico e o seu entorno macro. Ele define lugar como “[...] objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2009, p. 339). Contudo, a discussão sobre o que se define enquanto lugar e localização é uma preocupação recorrente na geografia hoje: “[...] percebemos que cada vez mais distanciamos-nos da ideia do lugar visto apenas enquanto ponto de localização dos fenômenos, isto é um ponto no mapa, visto apenas enquanto situação determinada por coordenadas do traçado geográfico” (CARLOS, 2007, p. 20). Desse modo, a experiência será narrada de forma a descrever passagens em que o corpo, numa situação de criação, se conecta com o lugar, deixando

essa conexão vir à tona daquilo que está sendo criado, com toda a complexidade que este apresenta.

Segundo o professor de geografia Wendel Henrique⁷, o lugar toma dimensões diferentes, quando estamos vivendo nele ou quando deixamos de morar, ou mesmo quando nos referimos a um determinado lugar, num sentido de identificação. Assim, em sua narrativa, uma pequena cidade de São Paulo, onde nasceu, continua sendo um lugar, por causa daquilo que ainda carrega de costumes, de sotaque, de formação em seu corpo, mas Salvador, onde mora há cinco anos, não é um lugar, porém o bairro da Graça, onde mora, é um lugar, pois construiu modos de caminhar e frequentar esquinas e comércio, mas ainda não é o lugar em que gostaria de morar. Identifica-se com a Barra, e acha que aquele lugar será um local mais adequado a sua estadia. Porém, caso venha a sair do Brasil, o lugar ao qual vai se referir será todo o País, pois é brasileiro, enquanto identificação. Desse modo, parece que há uma dinâmica de dimensões, quando nos referimos ao espaço enquanto lugar. Aqui, essa ideia de lugar começa a se instaurar no corpo, nessas voltas à cidade que constroem sentidos e experiências, porém o corpo em estado aberto à performance, parece tentar viver, mais a fundo, experiências num determinado lugar, para se relacionar de forma mais intensa, para se apropriar das experiências, de modo criativo.

As reflexões, quando partem de experiências, parecem tomar uma dimensão do vivido, de algo que se atesta sobre algo – há aqui o risco da perspectiva de um olhar, a aventura, o risco de quem percorreu um fato. Segundo Bondía,

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que e experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente

⁷ Informação verbal em aula orientada. Wendel Henrique é professor de geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, e estava ministrando, no semestre de 2011.2, a disciplina optativa do Doutorado em Geografia da UFBA – Evolução do Espaço Urbano – da qual sou aluna.

a idéia de prova. [...] Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peirutês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. (2002, p. 25)

A referência ao vivido pode se apresentar em formatos distintos, de um modo que se conte aquilo que nos foi mais impactante ou significativo, revelando ou escondendo nuances, criando a partir das situações. Nesse texto, a experiência narrada está relacionada ao local no qual a experiência ocorreu, ou seja, trata-se de um relato sobre a viagem a um lugar que antes já fora visitado – uma segunda estadia. Dessa forma, relações e sentidos se intensificam, uma vez que as pessoas e as paisagens são revisitadas.

Narrar um determinado experimento, não se trata da própria experiência do experimento, parece haver sempre um ponto de vista de quem conta, uma implicação e uma criação sobre os fatos. A volta a um determinado lugar pode parecer, à primeira vista, familiar de um modo que já sabemos os percursos, os caminhos que tal lugar possui. Contudo, cada situação se modifica, à medida que se repetem e se procuram novos motivos – o tempo não volta atrás. Parece então que, quando alguém retorna a um determinado lugar, com pessoas que não estiveram ali antes, há uma referência e uma ansiedade, uma espécie de comparação que se faz: “quando estive aqui da outra vez...”. Seria então difícil imaginar voltar a algum lugar como se fosse uma vez única (que é realmente o que será), sem criar expectativas diante do que aconteceu antes. O tempo presente é o que acontece naquele momento, naquele contexto e com aquelas pessoas que ali estão, que farão do momento aquilo que ele pode ser. Assim se estende essa ideia para a realização da oportunidade da viagem, para a resolução entre performer e público, para a seleção de uma filmagem, para a ausência de alguém em determinado lugar, para a escolha de uma comida, para a escolha de um lugar para performar – fatores e filhos do instante presente. Padrões e recorrências ocorrem nessa sucessão de instantes, porém não sem novas emergências. Um determinado lugar é vivenciado

num recorte de tempo – daquele tempo em que estamos ali – tempo-espaço único.

Nessa segunda viagem a Lençóis/Ba, outros acontecimentos vieram à tona, como também novas reflexões. A atenção e o olhar de performer pareciam estar mais facilmente afetados, já que a partir da primeira viagem, o corpo avançou nos desejos de experimentar outros espaços possíveis. Dessa vez, tínhamos mais tempo – três dias de trabalho. Sem roteiro previamente estipulado, apenas a primeira sugestão de Ciane da chamada “Floresta”, como largada para uma série de muitas intervenções que ocorreram. Tínhamos um grupo menor de pessoas, o clima estava mais quente, apesar da chuva nos dois primeiros dias, e os rios estavam mais cheios, deixando as cachoeiras volumosas.

Dentre intervenções com naturezas distintas, algumas podem ser descritas aqui como cerne de discussões acerca do fazer performático, do instante daquilo que é compartilhado entre o corpo do performer e quem assiste, ou daquilo que o lugar que se escolhe para performar apresenta como inspiração para criar em tempo real. A partir de três passagens que se configuraram em três pontos distintos da cidade, nos quais estivemos performando, apresentamos tais discussões. As passagens foram: 1- Eu e Ciane atrás da Cachoeira da Primavera; 2 – Laranjas da feira rolam ladeira abaixo em Lençóis performáticos; 3 – Ciane de azul no Salão de Areia.

Do primeiro, *Eu e Ciane atrás da cachoeira da Primavera*, estávamos todos encantados com a velocidade da queda d’água da cachoeira, bem como com o som ensurdecido da mesma. O volume de água era tão grande que havia possibilidade de ficar atrás da queda, como se fosse possível observar um manto d’água caindo. Ciane subiu numa pedra, ainda atrás da cachoeira e se pintou com argila. Fiquei logo abaixo e comecei a prestar atenção na queda d’água, como se estivesse hipnotizada. Meu cabelo veio para a frente do rosto, enquanto me movia, e eu fazia movimentos lentos, em contraste com a velocidade da água... aos poucos, comecei a olhar para baixo e ver o rio e as pedras escuras em que algumas gotas de água derramavam das minhas mãos... uma imagem de fundo infinito preto, com gotas de água que caíam... naquele momento, era como se o fluxo da cachoeira me tomasse, numa força, e os movimen-



tos começassem a se impregnar daquele barulho e daquela velocidade... era possível perceber Ciane, atrás de mim, também completamente tomada pela pedra, sua temperatura gelada tomando seu estado de corpo. Uma mudança de estado corporal se instaura, quando ocorre no corpo uma alteração muscular e respiratória que produz novos padrões de estar num período de tempo, esse estar podendo ser em pausa ou em movimentos visíveis. Essa mudança pode ser provocada, agenciada por uma lembrança, uma sensação física, um cheiro, uma imagem, dentre outros (DAMÁSIO, 2000). Ficamos ali as duas num lugar difícil de registrar, escondidas atrás da água da cachoeira... uma sensação muito forte!! Dessa experiência, a mudança do estado do corpo diante da característica do lugar era de fato o próprio acontecimento, ou seja, parece ocorrer um tipo de camuflagem, que se configura a partir de uma mudança de estado corporal. Esse estado cria novas condições do corpo criar novos movimentos e situações de composição que poderiam se desenvolver ao longo do tempo de estadia no lugar.

Do segundo, *Laranjas da feira rolam ladeira abaixo em Lençóis performáticos*, por acaso fui à feira pela manhã, para conhecer e ao descer a ladeira, por cansaço, sentei-me na calçada e fiquei observando a ladeira e seus acontecimentos, enquanto paisagem, suas cores, as pessoas etc. Comentei com Claudio Machado (que estava comigo) sobre algo que de repente me veio à mente: “E se eu derramasse muitas mangas amarelas nessa ladeira e rolasse ou descesse abaixo junto com elas?”. Nesse momento, conversava com Claudio sobre como seria isso, em meio àquela realidade do cotidiano das pessoas, lidar com os carros, com tudo aquilo que era da realidade do lugar etc. Levantei-me da calçada com essas vontades, porém, segui com Claudio para voltar ao hotel. Do insight à realização de algo na arte parece haver um curto período de tempo, onde o artista sente uma necessidade de combustão de uma ideia, de realização de coisas que vislumbra, meio embaçadamente, e que só a realização, de fato, daquilo, apresenta uma realidade singular, ou seja, entre a ideia da pergunta – “Como seria se...” e a resposta “a condição de realização é...” – ocorre uma inquietude do artista frente ao que deseja realizar em dado momento. Como explica Pareyson (1993), o “insight, portan-

to, quer se apresente com ímpeto peremptório e irresistível, quer timidamente apareça como simples sugestão, sempre vem de encontro ao artista e se apodera de sua mente estimulando-a e por vezes até obsessando-a” (PAREYSON, 1993, p. 79). No caminho de volta, essa ideia me acompanhava, porém só ganhou força quando, ao encontrar Ana Milena e Morgana voltando de uma intervenção nas ruínas da cidade, da qual me mostraram a filmagem na câmera, no meio da rua. Contei-lhes sobre minha ideia, e voltamos para a feira chegando à conclusão de que laranjas rolavam mais facilmente e eram também mais baratas! Compramos então setenta laranjas – as mais amareladas. Claudio ligou para Ciane, que estava por perto da feira no momento, e ela pegou uma câmera, veio com Suzane também para performar. Ao contar-lhe sobre rolar atrás das laranjas, propuseram descer a ladeira de outros modos. Claudio, preocupado, mencionava: “vamos avisar as pessoas, aos carros...” e eu dizia: “não! Se avisamos, perdemos aquilo que há de crucial: a oportunidade de lidar com aquilo que pode acontecer apenas naquele instante.” Essa ideia do instante presente, que, segundo Santos (2009), em seus escritos, está diretamente ligado ao tempo-espaço, é o que ele denomina de evento. Refiro-me à possibilidade de captura desse instante da performance que aconteceu só para aquelas pessoas que estiveram ali presentes, no seu cotidiano do lugar onde vivem, que puderam presenciar o acontecido. Segundo o autor,

Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória. É nesse sentido que Lefebvre (1958, PP. 346-347) falando em “momento” e Bachelard (1932, pp. 30-31) referindo-se ao “instante” os considera como um absoluto. Daí a sua eficácia e sua irreversibilidade. Essa irreversibilidade é o que dá a cada homem o “sentido de aventura” diz o Sartre de La Nausée (1938, p. 85), quando ganhamos a certeza de que nenhum momento se repete, nem volta, e então decidimos agir dentro dessas “malhas estreitas”. (SANTOS, 2009, p. 145)

Assim, nesse tempo, instante, evento, a performance aconteceu como mágica e as pessoas do lugar se implicaram ao acontecimento: jogamos



as laranjas ladeira abaixo e eu, Ana Milena e Morgana rolamos rapidamente atrás das laranjas. No momento, tocava arrocha em algum som da feira e Suzane (alemã) começou a dançar esse ritmo de modo engraçado. Jogamos as laranjas ladeira abaixo e rolamos atrás, eu, Ana Milena e Morgana, em alta velocidade. Ciane desceu dançando em pé, ao longo da descida, havia um homem narrando o que via: “pega, pega, agarra a laranja, vai menina...” e em dado momento segurei uma laranja e ele narrou: “a menina pegou a laranja, é gooooool, tá bonito, tá bonito!!”. Chegando ao pé da ladeira, tinha a imagem de muitas laranjas caídas no chão, uma das meninas que estavam rolando sujou a calça e precisou lavar, com uma pessoa que morava naquela rua; uma caminhonete amarela estava estacionada ao lado e compunha por coincidência com a cor das laranjas caídas, pessoas catavam laranjas; Ciane ficou um tempo caída no chão ao pé da ladeira entre laranjas; uma senhora veio procurar saber por que estávamos fazendo aquilo, demos laranjas para ela, ficamos um tempo entre as laranjas, comecei a acompanhar o fluxo dos carros que passavam, subindo a ladeira, atrás dos mesmos, catamos laranjas... aos poucos, a performance foi concluída e durou mais ou menos 30 min. Assim, num instante de tempo, muitas ações ocorreram no espaço cotidiano das pessoas e a conexão com o espaço fora justamente algo que é comum ao espaço – as laranjas da feira. Talvez se rolássemos apenas fizesse um sentido menos conectado para aquela ladeira em específico, ou criasse outros sentidos que não tivessem a ver com o cotidiano da cidade naquele dia. Contudo, as laranjas serviram também como ponto de partida, como pretexto, como início de uma relação entre as pessoas do lugar e nós, que estávamos ali produzindo uma forma poética específica. Numa perspectiva micro, a temperatura do sol a pino de meio-dia e rolar no asfalto de um ladeira, quase em pé, criam no corpo um estado de adrenalina, numa velocidade entre as laranjas... ouvindo sons de carros e de pessoas falando – parece que a velocidade cria um jeito específico de raciocínio, de tomada de decisões em tempo real. O cheiro do chão com o som do arrocha se misturava com as imagens que passavam e eu conseguia capturar pequenos trechos de passagens das outras pessoas, para saber onde cada um estava. Carros e pessoas,

perigo e aventura, até chegar ao pé da ladeira em alguns minutos. A conexão que se estabelece com o espaço é o uso de um elemento (a laranja) para estar junto com as pessoas do espaço. A *camuflagem* deu-se antes, na compra das laranjas, mesmo que de maneira rápida, estabelecendo um contato comum ao uso do espaço e, assim, estávamos já embrenhadas no local. Um tipo de *camuflagem* que tem a ver com o cotidiano das pessoas do lugar, com a conversa com o lado social que ali se instaura. Durante a apresentação, rolar na ladeira da rua, chama a atenção, cria-se um destaque na ação, do início ao fim da intervenção.

Do terceiro, ***Ciane de azul no salão de areia***, fomos todos ao espaço chamado “Salão de Areia” e, enquanto alguns ficaram nas áreas abertas, outros procuraram frestas e locais mais fechados das pedras, inclusive entre os cipós e raízes das árvores que ali estavam. A luz de final da tarde que entrava nesse lugar era meio azulada. Não havia ninguém além do nosso grupo. De repente, Ciane que estava toda de azul nesse dia, por acaso, subiu num morro, junto com os cipós das árvores, e contrastou com as cores do lugar, além de realizar movimentos que faziam com que ela estivesse *camuflada* naquele ambiente. Havia um silêncio e um ângulo para assistir interessante, pois comecei a olhar aquela imagem como se eu estivesse num filme – a iluminação que descia entre as pedras era de fato inusitada, quando iluminava a roupa azul de Ciane. Ela parecia em outro estado, completamente tomada pelos cipós das árvores, com pequenos movimentos e com um leve deslocamento no espaço. Não havia outras pessoas assistindo, era uma beleza compartilhada, uma poesia ecoando naquele lugar... e fiquei bastante tomada pela imagem... !! Talvez com pessoas a mais, não coubesse um suspense e o silêncio vazio que aquele instante produziu... Havia uma plasticidade nesse terceiro acontecimento, no qual a *camuflagem* ocorreu numa predominância plástica das cores e da iluminação, que instaurava um determinado ambiente inusitado. O corpo, em azul na vestimenta junto com outras cores do lugar, parecia dialogar com um silêncio e um vazio específico, configurando-se numa pequena composição.

Entre esses três acontecimentos, há reflexões que se entrelaçam na discussão da relação corpo-espaço. Os contextos se diferenciam assim como o



corpo se impregna do contexto para dar segmento a ações e sensações configurando instantes poéticos. A mudança de estado de corpo, juntamente com a utilização de um objeto do cotidiano do lugar, ou a aparência plástica local são características que se mostram em todos, porém em cada um há uma predominância. Segundo Greiner (2010), na cultura oriental, existe um jeito de olhar para o corpo nesse atravessamento entre cultura e natureza. A autora explica que:

Para Watsuji, o ser humano seria constituído por duas metades, uma seria o seu corpo animal (individual) e outra o corpo medial (coletivo). [...] Neste caso, a presença do corpo seria a carne do corpo, mas também as suas conexões não apenas com diferentes objetos, mas com realidades plúrais, ou seja, um fluxo de informações não apenas individuais, mas eminentemente coletivas. Tudo estaria relacionado ao suposto momento presente, sem qualquer separação entre natureza e cultura: o clima, a paisagem, os tempos do corpo e do ambiente, a espacialidade do corpo e do entorno, a história e a situação material e simbólica do aqui e agora (regionalidade). (GREINER, 2010, p. 96)

Assim, seria um exemplo, um modo de olhar para a relação corpo-espço. E a camuflagem como um conjunto de possibilidades de estratégias – que são construídas na relação com o lugar – de apropriação do espaço. Uma forma do corpo dialogar com aquilo que já modifica o seu estado – já que a cada mudança de lugar o corpo se altera – porém, potencializando isso para a configuração de poéticas. Talvez, uma disponibilidade seja necessária para essa abertura, já que, ao longo do tempo, na história, o espaço é tratado como receptáculo, diferentemente dos pressupostos de que partem esses inscritos, aprendemos que ocupamos o espaço como algo que dominamos na chegada e na ação. Aqui, experienciamos o espaço, a partir de acordos contínuos, que existem e que interferem em nossas escolhas, nossas tomadas de decisões, nossos novos rumos, a partir do que cada lugar nos quer falar. Assim, o diálogo cria uma conexão com o tempo-espço-corpo, que será apenas possível de ocorrer naquele momento. Como diz Milton Santos,

Os eventos são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço. Em seu livro *A Philosophy of Future*, Ernst Bloch (1963, 1970, p. 124) escreve que “o tempo somente é porque algo acontece, e onde algo acontece o tempo está”. (“Time is only because something happens, and where something happens there time is”). O autor sublinhou a palavra é, nós sublinharíamos a palavra onde. (2009, p. 145)

Se onde algo acontece o tempo está, é possível dizer que o registro, ou a experiência desse evento, se inscreve no corpo. Assim, o corpo está num onde, acontecendo junto. O espaço está no corpo, num contínuo de tempo, atravessando e trocando irreversibilidades. Dentre outros acontecimentos artísticos, nessa viagem, essas três descrições aqui apresentadas são exemplos para recortes de discussões que se configuram enquanto exercícios de reflexões escritas. *A abordagem enativa*, apresentada por Noë (2004), discorre sobre a percepção do ponto de vista da experiência, o sujeito que percebe e se relaciona com o meio de um modo a existir um tipo de comunicação continuada no processo da cognição. Entender que perceber e agir acontecem ao mesmo tempo, como condição de exploração do mundo, propõe entender o corpo como investigador e co-nhecedor, a cada momento, de modo continuado.

Seria então a *camuflagem*, um modo de escuta do corpo diante do lugar no qual se propõe a criar algo no instante presente, quando importa a essa composição considerar as características desse lugar. O sujeito que cria pode ser capaz, então, de perceber e potencializar a mudança de estado de seu corpo em cada lugar, agenciando novas formas de olhar e se comunicar com o espaço e logo de compreender-se enquanto espaço. Para esse modo de comunicação, haverá uma poética – um modo de configurar cenas que se apoia em estratégias de diálogo com o espaço – e que, por conta das diferentes características e contextos encontrados a cada presente e lugar único, cada apresentação será também única e diferente, em seu caráter e configuração. Parece que existe um tipo de relação nesse diálogo que se propõe nessa pesquisa, que tem a ver com dar visibilidade ao lugar, entendendo que

as pessoas que aí convivem são também espaço. A dimensão humana, de uso de um determinado lugar, como também a sua própria poética, pode ser embrenhada pelo corpo, num entrelace criativo de novas poéticas. Assim, além de experimentos, cada lugar pode instaurar tipos de conexões e *camuflagens* diferenciadas.

REFERÊNCIAS

- BRITTO, Fabiana D. *A evolução da dança é uma outra história*. 1999. 300f. Tese (Doutorado) –Pontifícia Universidade Católica, São Paulo , 1999.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas – Departamento de Linguística, Campinas, n. 19, 2002.
- DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GREINER, Christine. *O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações*. São Paulo: Annablume, 2010.
- NOÉ, Alva. *Action in perception*. Massachusetts Institute of Technology, 2004.
- PAREYSON, Luigi. *Estética: teoria da formatividade*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

